

1995 - RIO DE JANEIRO

+

The first video project by Raul Mourão, *7 artists*, was produced in 1995 at the Sérgio Porto Cultural Center, in Rio de Janeiro. It includes photographic direction by Paulo Violeta, with editing by Leonardo Domingues and general assistance by Fabiana Egrejas. + To produce the action that resulted in the video, Mourão called on seven artists — André Costa, Barrão, Carlos Bevilacqua, Eduardo Coimbra, Marcia Thompson, Marcos Chaves and Ricardo Basbaum. They were suspended by climbers' belts from the walls of the gallery of the cultural center. Using humor and irony, Mourão created, as he puts it, "a visual gag, where artists and works are mixed up together, occupying the same space". + In the words of the critic and curator, Paulo Sergio Duarte, it is both a performance and an installation, presented as a video. "But the installation is alive", he adds, since each "work" of *7 artists* carries with it "a past, a present and a future condensed into the moment of presentation". Thus, writes the critic, "*7 artists* enters into the history of performance and installation, injecting tension at the frontier between these contemporaneous genres and, moreover, conceiving, without seeking to, an allegory of this elastic present which extends in the moment to what will be the past and what was the future".

+

Primeiro trabalho em vídeo de Raul Mourão, 7 artistas foi realizado em 1995 no Centro Cultural Sérgio Porto, no Rio de Janeiro. Tem direção de fotografia de Paulo Violeta, edição de Leonardo Domingues e assistência geral de Fabiana Egrejas. + Para executar a ação que resultou no vídeo, Mourão convidou sete artistas — André Costa, Barrão, Carlos Bevilacqua, Eduardo Coimbra, Marcia Thompson, Marcos Chaves e Ricardo Basbaum. Eles foram pendurados por cintos de alpinismo nas paredes da galeria do centro cultural. Valendo-se de humor e ironia, Mourão criou, como define, "uma gag visual, em que artistas e obras se confundem, ocupando o mesmo lugar". + Nas palavras do crítico e curador Paulo Sergio Duarte, trata-se tanto de uma performance quanto de uma instalação apresentada como vídeo. "Mas uma instalação viva", ele completa, já que cada "obra" de 7 artistas carrega consigo "um passado, um presente e um futuro condensado no instante da apresentação". Assim, escreve o crítico, "7 artistas entra para a história da performance e da instalação injetando tensão no limite entre esses gêneros contemporâneos e, sobretudo, pensando, mesmo sem querer, uma alegoria deste presente elástico que se estende no instante para o que será passado e para o que foi futuro".



A little beyond Duchamp

Regarding the work *7 artists*, by Raul Mourão, I will begin with a tiresome but necessary digression. Duchamp transformed a urinal, displayed upside down and signed by R. Mutt, into one of the most famous works in the history of art, a little over a hundred years ago, in 1917. It created a scandal and posed a problem for the theory of art: Where is the work? In the authorship or in the thing exhibited?

During the course of the 20th century, this question was pondered to the extreme. I believe that one of its apotheoses is found in the work of Piero Manzoni (1933-1963), an artist who explored the painting of white on white and anticipated questions of conceptual art, when he decided to produce a *boutade* or outburst. He presented his *Merda d'artista* (Artist's Shit), in 1961. A tin of conserve with the label in English and Italian: *Merda d'artista. Contenuto netto gr 30. Conservata al naturale. Prodotta ed inscatolata nel maggio 1961*. On the lid is the signature of the artist and serial number with any indication of the production run. There were ninety examples. Recently, an assistant of the artist has declared that he did not put shit into the tins, but rather plaster and cement. It matters little. The story stuck and all the specimens of the artist's shit placed on the market, their 30 grams worth their weight in gold (at around US\$1.12 per gram, in 1960), were sold. On October 16th 2015, tin nº 54 was sold for 182,500 pounds sterling, nowadays the equivalent of US\$256,500. Their original value, in 1961, was US\$37 each. The artist kept some examples for himself. I spoke with François Morellet to confirm this.

Raul Mourão always liked *ready-mades*, like many contemporary artists since Andy Warhol. He used the gratings that the middle classes of Rio de Janeiro use around their homes and buildings to protect themselves, and transformed them into a very strong formal study. What now forms part of the everyday agenda, the question of security in Rio de Janeiro, which everyone discusses and that concerns so many people, was at the root of the work, many years ago: the artist was concerned with the prisons that the upper and middle classes build for themselves. But he was genuinely concerned about the formal result of these gratings. For someone who knew Rio de Janeiro without gratings and walked on his own, in the early hours of the morning, from Copacabana to Laranjeiras, crossing the Túnel Novo and Pasmado, along the streets of Farani and Pinheiro Machado to General Glicério without worrying about his safety, as I did in my youth, the appearance of gratings around buildings was a sad development which became permanent. The empty, open spaces – signs of modern architecture – disappeared, transformed into urban cages. The artist understood the meaning of these new signs inscribed on the city, and constructed real cages, as in 2001, at the exhibition *Outra Coisa* (Something Else), at the Museum of the Vale do Rio Doce, in Vila Velha, Espírito Santo. The bourgeois cages metamorphosed into sculptural shelters which interacted with the recent past of Brazilian modern art in their concrete dimension.

Um pouco além de Duchamp

Em face do trabalho 7 artistas, de Raul Mourão, começo por uma cansativa digressão, no entanto, necessária. Duchamp transformou um mictório, exposto de cabeça para baixo e assinado por R. Mutt, numa das mais famosas obras da história da arte, há pouco mais de cem anos, em 1917. Foi um escândalo e colocou um problema para a teoria da arte: onde está a obra? Na autoria? Ou na coisa exposta?

Ao longo do século XX, essa questão foi esmiuçada ao extremo. Acreditado que um dos seus pontos culminantes se encontra no trabalho de Piero Manzoni (1933-1963), um artista que pesquisava a pintura do branco sobre branco e antecipou questões da arte conceitual, quando resolveu realizar uma boutade. Apresenta sua Merda d'artista, em 1961. Uma lata de conserva com o rótulo em inglês e italiano: Merda d'artista. Contenuto netto gr 30. Conservata al naturale. Prodotta ed inscatolata nel maggio 1961. Na tampa, havia a assinatura do artista e o número do múltiplo sem indicação da tiragem. Teriam sido noventa exemplares. Recentemente, um assistente do artista teria declarado que Manzoni não colocou merda nas latas, mas gesso e cimento. Pouco importa. A história vingou e todos os exemplares da merda de artista que foram postos no mercado, seus 30 g a peso de ouro (cerca de US\$ 1,12 a grama, em 1960), teriam sido vendidos. Em 16 de outubro de 2015, a lata nº 54 foi vendida por 182.500 libras esterlinas, hoje equivalente a US\$ 256.500. Seu valor original, em 1961, era de US\$ 37 cada. O artista reservou alguns exemplares para si. Tive conversas com François Morellet para afirmar isso.

Raul Mourão sempre gostou do ready-made, como inúmeros artistas contemporâneos desde Andy Warhol. Ele se aproveitou das grades de que os burgueses do Rio de Janeiro abusam para se proteger em torno de suas casas e seus edifícios e as transformou numa pesquisa formal muito forte. Isso que agora está na ordem do dia, a questão da segurança no Rio de Janeiro, que todos discutem e preocupa tanta gente, estava lá na origem do trabalho, há muitos anos: o artista trabalhava com as prisões que as classes altas e médias construía para si. Mas estava mesmo preocupado com os resultados formais dessas grades. Para alguém que conheceu o Rio de Janeiro sem grades e andava a pé, sozinho, de madrugada, de Copacabana até Laranjeiras, atravessando o Túnel Novo e o Pasmado, seguia pelas ruas Farani, Pinheiro Machado até a General Glicério sem se preocupar com segurança, como eu na juventude, o aparecimento das grades cercando os edifícios foi um evento triste que veio para ficar. Os espaços vazados e abertos – signos da arquitetura moderna – desapareciam transformados em jaulas urbanas. O artista entendeu o significado desses nossos signos inscritos na cidade e construiu verdadeiras jaulas, como, em 2001, na exposição Outra Coisa, no Museu da Vale do Rio Doce, em Vila Velha, no Espírito Santo. As jaulas burguesas estavam metamorfoseadas em abrigos escultóricos que dialogavam com o passado recente da arte moderna brasileira na sua vertente concreta.

Soon afterwards, he discovered, in this formal exercise based on his experience of urban everyday life, the unfolding of the grating in movement, and created our formidable contemporary mobiles, from the monumental sculptures in the Maré favela complex, in Rio de Janeiro, in 2011, at *Travessias – Arte Contemporânea na Maré* (Crossings – Contemporary Art at the Maré), to the more recent ones, in weathering steel, at the Instituto Casa Roberto Marinho, also in Rio de Janeiro.

But what interests us here is a particular, highly specific and interesting intelligence: a moment when Raul Mourão's work goes a little beyond that of Duchamp. Fine, it's an insight. It is. But it's a beautiful insight, one of the best in recent times. At the end of the day, the history of art is a history of beautiful insights. It has to do with transforming artists into works, literally! This is not new. But the form, always the form, with which he achieves this is new. It was 1995, at the *Espaço Cultural Sérgio Porto*, in Rio de Janeiro. Seven artists – André Costa, Barrão, Carlos Bevilacqua, Eduardo Coimbra, Marcia Thompson, Marcos Chaves and Ricardo Basbaum – were exhibited at the gallery. They weren't just exhibited, but were hung like works of art on the walls.¹ These artists-works are well known in the repertoire of Brazilian contemporary art. André Costa lives and works in Rio de Janeiro, and Marcia Thompson, born in Rio de Janeiro, moved to London some time ago, where she lives and works. All the others live and work in Rio de Janeiro, maintaining a presence on the international scene.

Where is the poetic strength of 7 artists to be found? In the exploration of a limiting concept that is spread over different areas; a truly limiting concept. It is undoubtedly a performance. This, by definition, may or may not include an artistic performance; it may make an appeal to other artists, occur in a closed or open space, and involve the play of four elements used simultaneously: time, space, the body or bodies of the artists, the presence of a medium and the relationship with the audience. In the case of 7 artists, this is a video audience. In an immediate sense, 7 artists is another artist's video. But is 7 artists just a filmed performance? Certainly not. It is also an installation. Now installations are strongly associated with the idea of *site specific* works, those which are made for a place and transform our perception of this place by their mere presence; installations are also three-dimensional works which cannot be seen as sculptures due to their very hybrid nature which combines different elements. They may be temporary or permanent, in museums, like *À la lumière des deux mondes*, by Tunga, from 2005, in the Pyramid of the Louvre Museum, in Paris; or even outside the city, such as environmental works or *land art*, like the famous *Spiral Jetty*, by Robert Smithson, built in 1970, at Rozel Point, on the Great Salt Lake, in Utah.

The work 7 artists, by Raul Mourão, is certainly both a performance and an installation presented in the form of a video - but a living installation where the works of art are artists, or a little more than this. Since the renaissance, with the advent of the use of canvass

278

¹ *The video of little more than one minute's duration about 7 artists, with cinematography by Paulo Violeta, edited by Leonardo Domingues and with the general assistance of Fabiana Egrejas, is available at: <<https://www.youtube.com/watch?v=VPKoxMuSscE>>. Acesso em: 28 abr. 2018.*

Logo depois, descobriu, nesse exercício formal subsidiado pela experiência do cotidiano urbano, o desdobramento da grade em movimento, e criou nossos formidáveis móveis contemporâneos, desde as esculturas monumentais na favela da Maré, Rio de Janeiro, em 2011, em Travessias – Arte Contemporânea na Maré, até a mais recente, em aço corten, no Instituto Casa Roberto Marinho, também no Rio de Janeiro.

Mas o que interessa aqui é uma inteligência particular, muito específica e interessante. Um momento em que a obra de Raul Mourão vai um pouco além de Duchamp. Tudo bem, é uma sacada. É, mas é uma bela sacada, uma das melhores dos últimos tempos. Afinal de contas, a história da arte é uma história de belas sacadas. Trata-se de transformar artistas na obra, literalmente! Isso não é novo. Mas a forma, sempre a forma, como ele a realiza é nova. Foi em 1995, no Espaço Cultural Sérgio Porto, no Rio de Janeiro. Sete artistas – André Costa, Barrão, Carlos Bevilacqua, Eduardo Coimbra, Marcia Thompson, Marcos Chaves e Ricardo Basbaum – foram expostos na galeria. Não apenas expostos, foram pendurados como obras de arte nas paredes.¹ Esses artistas-obras são bem conhecidos no repertório da arte brasileira contemporânea. André Costa vive e trabalha no Rio de Janeiro, e Marcia Thompson, nascida no Rio de Janeiro, mudou-se há algum tempo para Londres, onde vive e trabalha. Todos os outros vivem e trabalham no Rio de Janeiro, mantendo presença na cena internacional.

*Onde se encontra a força poética de 7 artistas? Na exploração de um conceito-limite que se distribui por diferentes regiões, na verdade um conceito-limites. Trata-se de uma performance, sem dúvida. Esta, por definição, pode ou não incluir um artista performático, pode fazer apelo a outros artistas, ocorrer num lugar fechado ou aberto, e implica no jogo de quatro elementos trabalhados simultaneamente: tempo, espaço, o corpo ou corpos dos artistas, a presença num medium e a relação com a audiência. No caso de 7 artistas, trata-se da audiência do vídeo. De modo imediato, 7 artistas seria mais um vídeo de artista. Mas 7 artistas é apenas uma performance filmada? Certamente não. É também uma instalação. Ora, as instalações surgem muito ligadas à ideia de obras site specific, aquelas que são realizadas para um lugar e transformam nossa percepção sobre esse lugar com sua simples presença; instalações são também obras tridimensionais que não podem ser vistas como esculturas pela sua própria natureza híbrida conjugando elementos diversos. Elas podem ser temporárias ou permanentes, em museus, como *À la lumière des deux mondes*, de Tunga, em 2005, na Pirâmide do Museu do Louvre, em Paris; ou até mesmo fora da cidade, como obras de arte ambiental ou *land art*, como a conhecida *Spiral Jetty*, de Robert Smithson, construída em 1970, em Rozel Point, no Great Salt Lake, em Utah.*

A obra 7 artistas, de Raul Mourão, é certamente tanto uma performance como uma instalação apresentada sob a forma de vídeo. Mas uma instalação viva na qual as obras de arte são artistas. Um pouco mais que isso. Desde o Renascimento, com o advento do uso da tela

¹ *O vídeo de pouco mais de um minuto sobre 7 artistas, com direção de fotografia de Paulo Violeta, edição de Leonardo Domingues e assistência geral de Fabiana Egrejas, está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VPKoxMuSscE>>. Acesso em: 28 abr. 2018.*



as a medium for painting, replacing wood, it has been possible for the painter to explore large dimensions and gain portability. This was the great revolution. Raul's exhibition contains living paintings and goes a little beyond this. Each "work" has a past, present and future condensed into the moment of presentation: past and present connected to art because each one has a *curriculum vitae* that it virtually carries with itself. Every artist is a factory of creation, which produces the reality that is/are its works, as Gerhard Richter reminds us. It's as if each of the artists bears the mark of the concept of an "extended present" developed by Einstein in his theory of special relativity: A beautiful poetic allegory of the theory of physics. At that moment where we see them as victims of a sacrifice with which they play and laugh – in the end, it's not much fun to be hung on a wall –, they are there because of their past biographies and as the productive poetic force of the work that they will develop in the future. This is

2 ROVELLI, Carlo. *A realidade não é o que parece: a estrutura elementar das coisas*. Translated by Silvana Cobucci Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. p. 71-78.

como suporte da pintura, substituindo a madeira, foi possível para o pintor explorar grandes dimensões e ganhar portabilidade, essa a grande revolução. A exposição de Raul são pinturas vivas e vai um pouco além. Cada "obra" tem um passado, um presente e um futuro condensado no instante da apresentação: passado e presente vinculados à arte porque cada um tem um *curriculum vitae* que virtualmente carrega consigo. Todo artista é uma usina de criação, produz a realidade que são suas obras, como nos lembra Gerhard Richter. É como se cada um dos artistas trouxesse a marca do conceito de "presente estendido" desenvolvido por Einstein em sua teoria da relatividade restrita². Uma bela alegoria poética da teoria da física. No instante em que os vemos como vítimas de um sacrifício com o qual brincam e riem – afinal, não tem muita graça ficar pendurado numa parede –, estão ali por sua biografia passada e como a força poética produtiva da obra que viriam a desenvolver no futuro. Trata-se de criação em elevado estado de condensação

2 ROVELLI, Carlo. *A realidade não é o que parece: a estrutura elementar das coisas*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. p. 71-78.

creation in a high state of temporal condensation. *7 artists* is also an allegory of the extended present. Here, the current moment contains all the “past” moments that are present in the lives of each of the exhibited artists. And that’s not all. Each moment that was seen in the video in 2018, contains all the work produced by each of the seven, in the interval from 1995 to now. It is not simply one more exploration of the body in a performance; these are entire lives dedicated to art that are hung on the wall in the persons of those who make art. *7 artists* enters the history of performance and installation art, injecting tension into the space between these contemporary genres and, above all, even without intending to, presenting an allegory of this elastic present that extends through the moment to what will be past and what was future. *7 artists* is a beautiful insight like that of Rafael in “School of Athens”, in the Vatican, where Plato points to the sky and Aristotle to the floor. Is it a performance, an installation, a ready-made or a video? It is all four in this exploration of the present, since each of the “works” already existed and will continue to exist in its production. *7 artists* is a limiting concept which intersects with these four areas: video, performance, installation and ready-made.

Raul Mourão went beyond Duchamp. His *ready-made* is not a urinal, a soup can, the face of a celebrity, a soap box or the page of a comic book. It comprises living artists who are present among us: and like him, they are factories of art.

temporal. 7 artistas é também uma alegoria do presente estendido. Neste, o instante atual contém todos os momentos “passados” que estão presentes na vida de cada um dos artistas expostos. E mais. Cada momento que for visto, em vídeo, como em 2018, contém toda a obra desenvolvida por cada um dos sete, nesse intervalo de 1995 até agora. Não é apenas mais uma exploração do corpo numa performance, são vidas inteiras dedicadas à arte que estão penduradas na parede nas pessoas daqueles que fazem arte. 7 artistas entra para a história da performance e da instalação injetando tensão no limite entre esses gêneros contemporâneos e, sobretudo, pensando, mesmo sem querer, uma alegoria deste presente elástico que se estende no instante para o que será passado e para o que foi futuro. 7 artistas é uma bela sacada como aquela de Rafael na “Escola de Atenas”, no Vaticano, em que Platão aponta para o céu e Aristóteles para o chão. É uma performance, uma instalação, um ready-made ou um vídeo? São os quatro nessa interrogação sobre o presente, uma vez que cada uma das “obras” já existiu e existirá na sua produção. 7 artistas é um conceito limite que intersecciona essas quatro regiões: o vídeo, a performance, uma instalação e um ready-made.

Raul Mourão foi além de Duchamp. Seu ready-made não é o mictório, a lata de sopa, rosto da estrela, a caixa de sabão ou a página da revista de história em quadrinhos. São artistas vivos que estão entre nós; tal como ele, são usinas de arte.

































